

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

LENDAS INDÍGENAS PARANAENSES: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Maria do Rosário de Oliveira ¹
Carlos da Silva ²

Resumo

O presente artigo é resultado da experiência pedagógica desenvolvida por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2016/2017 com alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Pedro Viriato Parigot de Souza, no município de Mirador, núcleo de Paranaíba-Pr. O objetivo foi reconhecer a contribuição indígena na formação da cultura do povo brasileiro, resgatando os valores por meio da leitura de Lendas Indígenas Paranaenses e ao mesmo tempo incentivar o interesse dos alunos pela leitura, visando a formação do caráter do leitor e seu desenvolvimento social e cultural. Para tanto, apresentamos uma discussão teórica a partir das teorias bakhtinianas sobre a linguagem, principalmente, a teoria dos gêneros do discurso. A partir desse estudo, foi trabalhado a concepção, o conceito e as estratégias de leitura e a teoria geral das lendas. Esse gênero foi proposto por ser um gênero de origem popular, constituído por um mundo imaginário que tenta responder perguntas sobre a origem do universo, o aparecimento do homem, os fenômenos da natureza, a existência do sobrenatural. As cinco Lendas selecionadas são da coleção do escritor Hardy Guedes. São elas: Naipi e Tarobá: a lenda das Cataratas do Iguaçu; Xakxó: a lenda do fogo; Nhanderu: a lenda do sol e da lua; Itacueretaba: a lenda de Vila Velha e por fim, Curiaçu e a Gralha-Azul: a lenda das Araucárias. Para a trabalhar-las utilizamos de diferentes atividades, como música, vídeos, pesquisas orientadas, leituras, produção textual, dramatização, entre outras. O tema contribuiu para que os alunos conhecessem parte da história escrita e oral indígena, suas singularidades, alimentando a educação pluricultural, valorizando seu modo de vida, suas tradições e cultura.

Palavras-chave: gênero discursivo; lendas; cultura indígena.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se constitui como parte integrante das atividades previstas no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), promovido pela Secretaria de Educação do Paraná (SEED) e também como resultado do aprofundamento teórico e reflexões sobre práticas pedagógicas e da implementação da Unidade Didática intitulada “Lendas Indígenas Paranaenses: Uma contribuição para o ensino fundamental” , aplicada a alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Pedro Viriato Parigot de Souza, no município Mirador, núcleo de Paranaíba, Paraná.

¹Professora da rede pública de educação do Estado do Paraná.

²Professor da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Campus de Paranaíba. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UNESP.

A escolha do tema visou atender além das disposições da Lei 10.639/03, complementada pela Lei 11.645/08, as quais estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena do ensino fundamental e médio, e, ainda, diante da constatação de que, são poucos os trabalhos direcionados para essa área, os alunos não conhecem e pouco se interessam pela cultura indígena.

Partindo do pressuposto que o professor precisa conhecer e valorizar os elementos da cultura indígena na sua prática pedagógica, a fim de que as escolas sejam o ponto de partida para a desconstrução de mitos e preconceitos acerca de sua cultura traçamos como objetivo geral reconhecer a contribuição Indígena na formação da cultura do povo brasileiro, resgatando os valores por meio da leitura de Lendas Indígenas Paranaenses.

Pois de acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa, a leitura envolve demandas sociais, históricas, políticas e econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem (PARANÁ, 2008, p. 56).

As Lendas selecionadas são obras do escritor Hardy Guedes e são histórias divinas ou folclóricas, com personagens que agem nos destinos dos humanos. Elas chamam atenção devido à quantidade de ensinamentos; contraria frequentemente o real quando um homem toma forma de animal ou um elemento da natureza toma forma humana; contudo, estas ficções não são grotescas, elas deslumbram, pois põem questionamento o mundo real.

Como suporte metodológico, utilizamos atividades que mostraram a história e a cultura indígena, a leitura de lendas, a estrutura composicional da mesma, análise linguística, reprodução de lendas, produção de textos e dramatização. Como apoio pedagógico, utilizamos música, vídeos, pesquisa orientada, entre outros. Tudo isto visando estimular nos alunos a aceitação das diferenças que constituem a esfera de relações entre indivíduos de diferentes concepções sociais, culturais e étnicos.

Enfim, as atividades desenvolvidas visaram resgatar a cultura indígena possibilitando a sua devida valorização, como elemento fundamental na formação da cultura brasileira, além de propiciar a redescoberta do prazer de ler, hoje tão

negligenciado educandos, tão submergidos que se encontram pelas tecnologias digitais da informação e comunicação.

2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O referencial teórico que embasou este estudo é constituído pelas teorias bakhtinianas sobre a linguagem, principalmente, a teoria dos gêneros do discurso. Para Bakhtin (2010) toda forma comunicativa se dá por meio de algum gênero discursivo. Segundo Bakhtin (2003, p.266),

[...] em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados linguísticos relativamente estáveis.

Desta forma, a prática da leitura, por meio da utilização de gêneros discursivos, deve ser feita por intermédio de atividades que contemplem as condições de produção dos gêneros (quem fala, para quem, com qual finalidade, suporte, época, etc.) e a discussão aprofundada de seu conteúdo temático, confrontados com o posicionamento do leitor, que resgata seus conhecimentos prévios, para, assim, construir sentidos para o texto (SOARES, 2013, p. 11).

Segundo Bakhtin (2003) há um rico repertório de gêneros de discurso orais e escritos, esses gêneros nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna. Diante da heterogeneidade dos gêneros discursivos não há como reduzi-los a uma lista fechada, pois, na verdade, constituem um inventário aberto. Bakhtin considera que quanto melhor dominamos os gêneros, mais temos condições de utilizá-los de forma adequada e competente.

Para o autor há duas categorias de gênero: a primária e a secundária. A primária são textos com relação as atividades do cotidiano como por exemplo causos, convites, receitas e a escrita é informal, já os gêneros secundários se apresentam em situações mais específicas e complexas como por exemplo, teses científicas, os textos literários, entre outros.

Bakhtin (2003) ainda agrupou as chamadas esferas sociais de circulação. Para o teórico, cada gênero está contido em uma esfera social de circulação que tem sua própria finalidade. Há vários exemplos de esferas como: cotidiana, literária/artística, escolar, imprensa, publicitária, política, jurídica, produção, consumo e midiática. Em cada esfera citada, há vários gêneros incluídos, por exemplo, na esfera literária/artística estão inseridos fábulas, fábulas contemporâneas, lendas, contos entre outros; na esfera cotidiana temos adivinhas, anedotas, cantigas de roda, entre outras. O gênero escolhido para esse projeto de intervenção pedagógica foi a lenda.

2.1 Teoria Geral da Lenda

As “lendas indígenas paranaenses” compõem o gênero textual selecionado para o desenvolvimento deste projeto. Segundo o Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo, a lenda é um:

Episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere”, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói [...] (CASCUDO, 1993, p. 434)

A lenda é uma narrativa breve, transmitida anonimamente pela tradição oral, que lança mão do sobrenatural, do mágico para criar representações simbólicas e ao dar respostas, explicações lúdicas para os acontecimentos que não têm explicação, abre espaço à imaginação permitindo que o sonho dialogue com a razão desenvolvendo então, o caráter educativo (Rocco, 1996, p. 45). É um gênero textual de origem popular, constituído por um mundo imaginário que tenta responder perguntas sobre a origem do universo, o aparecimento do homem, os fenômenos da natureza, a existência do sobrenatural. Elas são contadas de geração em geração por meio de narrativas fantásticas.

A função da lenda é divertir, ensinar e fixar costumes e crenças de determinada região. Já a estrutura é narrativa e deve ser composta com introdução, desenvolvimento e conclusão. Esse modelo de narrativa como objeto de leitura para os alunos é recomendado, principalmente pela natureza alegórica de seu discurso e

pela possibilidade de discussão sobre a realidade e a fantasia, levando o leitor a questioná-la e relacioná-la com o mundo real. (SARAIVA, 2001).

A lenda utiliza o antagonismo entre o bem e o mal, a obediência e a desobediência, é a dualidade da alma humana. Segundo BAYARD (1957, p.15), a lenda é “Transcrição do pensamento do povo, os temas simbolizam suas aspirações. Transposição de sentimentos humanos, a lenda abole o real”.

As histórias relacionam-se às religiões, são cosmogônicas, divinas ou folclóricas com personagens que agem de forma quase divina influenciando nos destinos dos humanos. Elas chamam atenção devido à quantidade de ensinamentos humanos; contraria frequentemente o real quando um homem toma forma de animal ou um elemento da natureza toma forma humana, contudo estas ficções não são grotescas, nos deslumbram, pois põe em questionamento o mundo real (RODRIGUES, 2010).

Ao contar uma história, a lenda no caso, aspira-se secretamente por uma busca espiritual de um mundo maravilhoso onde impere o valor do homem, onde as leis tão rígidas sejam abolidas e nos remete ao encantamento da volta ao Paraíso Terrestre. (BAYARD, 1957, p.13).

Segundo Barbosa (2001) como tantos outros gêneros narrativos, as lendas registra as experiências e o modo de vida, cultura dos povos. É por meio destas histórias que ouvimos, lemos nos livros, pela tradição oral ou escrita, que aprendemos lições importantes, nos divertimos com as curiosidades das mesmas. Elas surgiram da necessidade do homem em relatar suas aventuras ou explicar os fenômenos da natureza, umas que falavam do cotidiano, outras dos seres mágicos, caracterizando-se por transmitirem algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia ou até para diversão.

Dorson (1970) *apud* Fontes (2013) classifica as lendas em pessoais, locais, episódicas e etiológicas.

Pessoais: Ligadas a um indivíduo conhecido, herói ou vilão. Podem ser subdivididas em heroicas, hagiográficas ou anedóticas.

Locais: Vinculadas a uma localidade, falam de rios, lagos, terras, cavernas, grutas e demais acidentes geográficos.

Episódicas: Contam acontecimentos particulares que interessam à comunidade.

Etiológicas: Descrevem a origem de um animal ou planta (DORSON,1970, *apud*, FONTES, 2013, p. 25).

Fontes (2013) afirma ainda que a lenda é uma forma de narrativa mítica que carrega consigo elementos socioculturais presentes na vida das pessoas e, por isso,

com uma capacidade para suscitar a sensibilidade dos indivíduos, conduzindo-os ao conhecimento de uma nova visão do mundo e à construção de novas formas de compreensão da realidade.

Para o autor, a principal característica da lenda é o fato de ela se apresentar como um produto da oralidade, fazendo com isso que haja muitas variações em torno de uma mesma história. Elas colocam em evidência a temática de cada região, fazendo com que exista a mediação entre o indivíduo e a cultura e a sua eficácia revela-se na sua relação íntima com os indivíduos da região de onde é originária, garantindo a sistematização e a ordenação da própria realidade.

Nesse contexto, as lendas indígenas retratam o pensamento e o modo de vida dos índios, sua posição sobre a questão da natureza, de seus mitos, de sua religiosidade e dos costumes dos seus habitantes. Os temas são inocentes, mas possibilitam reflexões profundas sobre a identidade cultural destes seres humanos tão marginalizados pela sociedade contemporânea. São histórias tradicionais, histórias das origens, crenças e mitos. Trabalhar com a cultura indígena significa uma possibilidade de resgatar um conhecimento que vem se perdendo ao longo do tempo. Tais conhecimentos são significativos aos alunos, pois ampliam as possibilidades de interpretação da vida desses povos.

3 O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO

A intervenção pedagógica se deu a partir da elaboração de uma Unidade Didática, no período de março a junho do ano de 2017, com estudos exploratórios (conhecimento prévio dos alunos), leituras e produção de textos, com a utilização de fontes variadas, como textos impressos, imagens, vídeos. Além de uma oficina para produção de peteca³. O público alvo foi os alunos do 7º ano do ensino fundamental, do período matutino, do Colégio Estadual Pedro Viriato Parigot de Souza, município

³ **Peteca** – do Tupi Guarani peteca-bater. Nome dado a um artefato esportivo, de origem indígena-brasileira. A Peteca é constituída de uma base que concentra a maior parte de seu peso, geralmente feito de borracha, e uma extensão mais leve, geralmente feita de penas naturais ou sintéticas, com o objetivo de dar equilíbrio ou orientar sua trajetória no ar quando arremessada.

de Mirador, Paraná.

A primeira ação se deu por meio da apresentação da proposta de intervenção para os professores, equipe pedagógica e a direção, durante a semana pedagógica. Na sequência o projeto foi apresentado aos alunos, destacando seus pressupostos teóricos, objetivos e a metodologia a ser usada durante a intervenção pedagógica.

Foi explicado aos alunos que a implementação abordaria a Lei 10.639/03 complementada pela Lei 11.645/08, as quais estabelecem que professores das escolas públicas e privadas devam trabalhar a temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena" em sala de aula, como um processo de respeito às diferenças e desconstrução do preconceito e discriminação racial no Brasil e se daria em encontros semanais, perfazendo um total de 32 horas de atividades, que se encontram relacionadas no quadro e que posteriormente estão descritas:

Título/Tema	Estratégias	Carga Horária
Inserindo o tema: História e cultura indígena; Reconhecimento, contextualização histórica e leitura das Lendas	Atividades de leitura, música, vídeos e mapas e a confecção de petecas.	10 aulas
Estrutura composicional da Lenda.	Leituras, reflexões e discussões, pesquisas orientadas, vídeos e reprodução de lendas.	06 aulas
Análise linguística do conto	Leitura do livro "Itaqueretaba: A Lenda de Vilha Velha", E a "Lenda das Araucárias" de Hardy Guedes, pesquisas orientadas, vídeos e produção textual.	10 aulas
Produção de texto.	Produção, dramatização de uma lenda.	06 aulas

3.1 Primeira Parte – Inserindo a temática

Essa etapa teve o objetivo de abordar a História e a Cultura Indígena e assim, inserir a temática das lendas indígenas. Para tanto, foi exibido os vídeos “Peteca com Sacola Plástica e Jornal” e “A Peteca e suas Histórias”, que mostrou como confeccionar uma peteca e a história das petecas.

Na sequência, confeccionamos petecas e jogamos um pouco. Assim, introduzimos o tema indígena, pois, os alunos foram orientados a fazer uma pesquisa no laboratório de informática sobre os diferentes tipos de peteca e sua origem. Após a pesquisa, em grupos confeccionaram cartazes para serem expostos no pátio da escola ao término da implementação.

Por meio de slides, apresentamos ainda, a cultura indígena. Como os índios vivem, onde estudam, principais alimentos, algumas brincadeiras, enfim, detalhes que motivassem os alunos a se envolverem e empenharem em desenvolver as ações planejadas.

Todas as ações foram destinadas a mostrar a diversidade cultural dos indígenas e a partir das mesmas inserir a teoria das lendas. Para tanto, escolhemos a interdisciplinaridade, onde os alunos utilizaram mapas, dicionários de palavras brasileiras de origem indígena e filmes para fundamentar a produção inicial, denominada “Aventura na Mata”.

Foi entregue aos alunos folhas com o mapa do Paraná, pontuando os locais onde há reservas indígenas e o nome das reservas. Os alunos pesquisaram em quais cidades paranaenses estão estas aldeias. Para auxiliá-los nessa atividade, fixamos no quadro negro um Mapa Político do Paraná. Para concluir fizeram uma pesquisa orientada no laboratório de informática, sobre dezessete reservas indígenas presentes no Paraná.

Outra ação foi a exibição do desenho animado Inami. A saga de Inami é relatada em 26 episódios. O desenho é francês, no entanto, a criadora utilizou a floresta Amazônica, para mostrar as aventuras do Índio. Todos os episódios, apresentam fatos irreais e imaginários, características das lendas. Os episódios foram exibidos na TV Cultura em 2011 e 2012.

Após a exibição do filme, debatemos os pontos fantásticos apresentados no enredo, explicamos que o filme faz parte de outra cultura, diferente da nossa, mas que tem grande influência na etnia indígena.

Para concluir essa primeira unidade, os alunos fizeram a primeira produção, embasados no que se mostrou cultura indígena até o momento. Os alunos foram orientados a mostrar de forma escrita ou ilustrativa uma aventura na mata. Produção que foi arquivada e utilizada no final da implementação na construção de um mural.

3.2 Segunda Parte: Estrutura composicional do gênero Lenda

A segunda parte teve como objetivo apresentar a estrutura composicional da lenda, como a introdução, o desenvolvimento da história e o desfecho. Para tanto, oralmente informamos os alunos que a palavra “lenda” provém do baixo latim “legenda”, que significa o que deve ser lido. O personagem central das lendas reflete os anseios de um grupo ou de um povo, sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho (BAYARD, 1957, p.1). E ainda que lenda é um episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo (CASCUDO, 1993, p. 434).

Em seguida exibimos ao vídeo a Lenda das Cataratas do Iguaçu, após a exibição explicamos que as lendas caracterizam-se por apresentar poucos personagens, ações, tempo e espaços reduzidos. Na sequência, de forma dialogada, inserimos algumas questões apresentando os personagens, as principais ações, o tempo e o espaço apresentados na lenda.

Para completar, foi distribuído aos alunos, em grupos de quatro, o texto escrito da mesma lenda, só que da coleção Lendas paranaenses de Hardy Guedes, intitulada “Naipi e Tarobá” a Lenda das Cataratas do Iguaçu, onde fizeram primeiramente uma leitura silenciosa, depois uma leitura dinâmica onde cada integrante da equipe leu um parágrafo e depois identificaram no texto, a parte da introdução, o desenvolvimento, e o desfecho final da lenda.

Após a leitura da lenda, com o objetivo de montar um glossário, de forma orientada os alunos pesquisaram o significado de termos de origem indígena citados

na lenda, como exemplo, Naipi, Tarobá, Paraná, Tupã, Caiguangues, Piroga, Xaraés, Caiuá, Taba, entre outras.

Durante a pesquisa souberam que no Estado do Paraná existem atualmente três etnias indígenas: Guarani, Kaingang e Xetá. A grande maioria vive nas 17 reservas indígenas demarcadas pelo governo federal, onde recebe assistência médica, odontológica e educação diferenciada bilíngue.

A economia dessas comunidades indígenas baseia-se na produção de roças de subsistência, pomares, criação de galinhas e porcos. Para complementar a renda familiar, produzem e vendem artesanato como cestos, balaios, arcos e flechas.

Professores índios alfabetizam as crianças na língua Guarani ou Kaingang, o que tem contribuído para a valorização dos conhecimentos tradicionais e a consequente preservação da identidade cultural.

É grande a influência que o paranaense recebeu desses grupos indígenas. Na culinária, além do consumo da erva-mate fria ou quente, adotamos o costume de preparar alimentos com mandioca, milho e pinhão, como o mingau, a pamonha e a paçoca.

No vocabulário é frequente o uso de palavras de origem Guarani para designar nomes de espécies nativas de frutas, vegetais e animais. Podemos citar como exemplos: guabiroba, maracujá, butiá, capivara, jabuti, biguá, cutia. De origem Kaingang temos os nomes de municípios como: Goioerê, Candói, Xambrê e Verê.

Essas atividades foram realizadas no laboratório de informática e as palavras pesquisadas foram transcritas em papel Kraft para serem utilizadas no final da implementação.

As demais atividades foram destinadas à interpretação da lenda, identificação de personagens, características dos personagens principais. Para tanto, utilizamos a orientação de Solé (1998), onde após a leitura foi realizada: A Construção da síntese semântica do texto; Utilização do registro escrito para melhor compreensão; Troca de impressões a respeito do texto lido; Relação de informações para tirar conclusões; Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto; Avaliação crítica do texto. Todas essas atividades foram realizadas em grupos de alunos.

3.3 Terceira Parte: Análise gramatical do Gênero Lenda

Esta parte foi em torno dos livro Lendas Paranaenses de Hardy Guedes, onde inicialmente lemos coletivamente, utilizando o projetor de imagens, a Lenda “Itacueretaba” A Lenda de Vila Velha.

Após a leitura da lenda, foram inseridas algumas questões sobre o uso da língua materna no texto:

- ✓ *Você já conhece alguma coisa sobre esses tempos verbais?*
- ✓ *Localize no texto e escreva os verbos nos tempos: Presente, Pretérito e futuro*
- ✓ *Reescreva um fragmento do texto como se a regra estivesse para ser estabelecida no passado.*
- ✓ *Reescreva o mesmo trecho no tempo presente.*

A próxima atividade foi a leitura de mais uma lenda da coleção de Hardy Guedes, o Curiaçu e a Gralha Azul – Lenda das Araucárias, onde selecionamos alguns trechos para que fizessem a análise linguística. Os trechos selecionados foram entregues em folhas individuais, após a leitura do livro.

Nesse momento explicamos que a lenda que trabalhamos, tem o 2º parágrafo essencialmente descritivo, porém o texto todo é composto por sequência narrativa. A sequência descritiva que aparece na 2º parágrafo está em função da narração, ou seja, descreve-se para esclarecer o fato narrado. Por isso, dizemos que este é um texto narrativo.

Para concluir essa parte, os alunos foram induzidos de forma oral a imaginarem como é a árvore descrita no livro e fizeram a ilustração da mesma. Na sequência, no laboratório de informática, fizeram uma pesquisa de imagens da árvore Araucária. Para completar a atividade, reescreveram a história do livro, de acordo com o que se lembraram.

3.4 Quarta Parte: Produção Final

Para concluir a implementação, os alunos foram divididos em quatro equipes para a leitura dos livros Nhanderu – A Lenda do sol e da Lua e Xakxó – A Lenda do Fogo, da coleção **Lendas Paranaenses**, de Hardy Guedes. Duas duplas ficaram

com o primeiro livro. E as outras duas com o segundo livro. Nessa atividade os alunos tiveram que fazer a leitura e depois a produção, ilustração e narração da lenda apresentada nos livros. Dessa forma, todas as equipes participaram das atividades e conheceram toda a obra do autor Paranaense Hardy Guedes.

Vale ressaltar que todos os materiais produzidos durante a implementação, foram exibidos no pátio da escola para socialização com os demais alunos do colégio, juntamente com a dramatização das lendas (Figura 1 e 2).



Figura 1- Exposição de artesanato indígena
Foto: Maria do Rosário de Oliveira

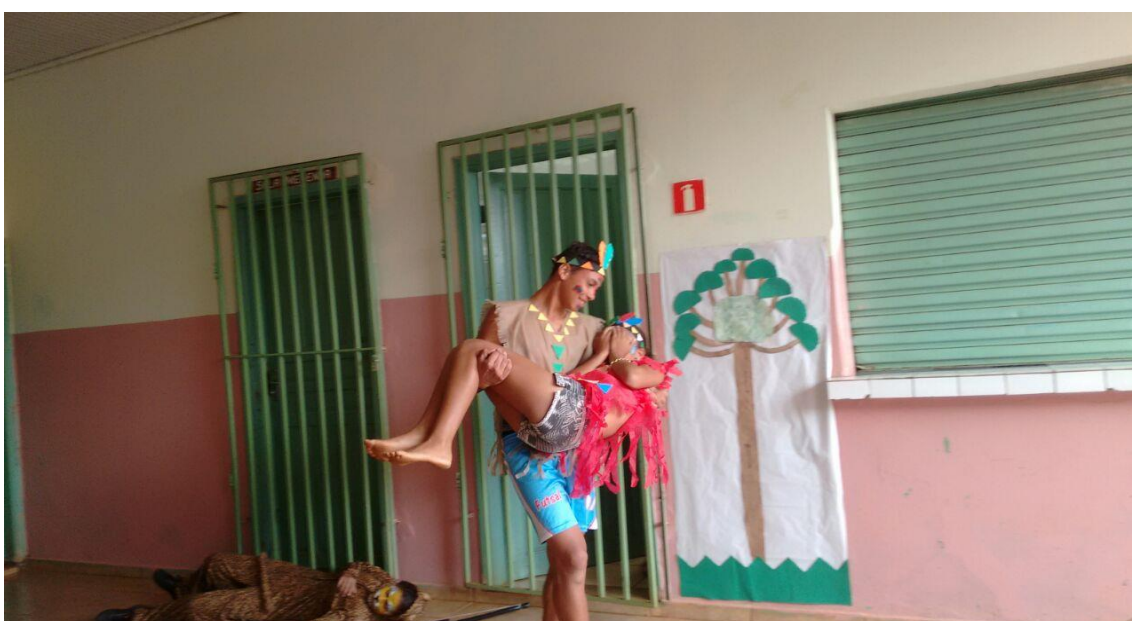


Figura 3: Dramatização de Lenda Indígena
Foto: Maria do Rosário de Oliveira

Ao término da implementação podemos afirmar que a prática da leitura é de fundamental importância para a independência dos indivíduos, e ao propor a leitura e a oralidade das lendas indígenas Paranaenses, esperamos ter minimizado as dificuldades de leitura apresentadas pelos alunos do 7º ano, ainda possibilitado o contato dos mesmos com a cultura indígena.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a implementação do material didático algumas considerações podem ser feitas em relação aos seus resultados. Observamos no primeiro diálogo que muitos alunos já conheciam o teor da lei da Lei 10.639/03, complementada pela Lei 11.645/08, por intermédio da professora de História, que já tinha iniciado um trabalho de sensibilização sobre a necessidade de resgatar a cultura indígena e sua influência em nossos costumes. No entanto, relataram que nenhuma outra disciplina havia abordado a temática.

A oficina de petecas despertou grande interesse por parte dos alunos, sendo a arte de confeccioná-las bem antiga e o significado do nome do Tupi Guarani peteca-bater. Nome dado a um artefato esportivo, utilizado no jogo também chamado “Peteca”, de origem indígena-brasileira.

A leitura dos livros de Hardy Guedes proporcionou o verdadeiro mundo imaginário, os alunos entraram no mundo dos sonhos, as imagens e as cores do livro despertou a curiosidade e destacou a cultura indígena. Se encantaram com os personagens e pela dramaticidade e desfechos surreais apresentados nas lendas, porém em suas imaginações tão reais. Aqui destaca-se a sensibilidade do autor em ter o cuidado de não reproduzir estereótipos e valores etnocêntricos, ou seja, valorizou as riquezas colocando o índio como protagonista da sua história.

De um modo geral, as apreciações feitas pelos alunos revelaram que gostaram muito de participar do projeto, ainda mais, por terem sido convidados pela equipe multidisciplinar da escola a rerepresentar as dramatizações no dia da escola/comunidade, onde a escola mostra as atividades desenvolvidas durante o ano para a comunidade. Nesse dia, houve além da exposição das lendas fixadas na árvore araucária, houve também uma oficina de produção de petecas, ensinando aos

visitantes sua história e como se faz.

Não podemos afirmar que não houve dificuldades durante a implementação, como exemplo, a falta de hábito de se trabalhar em grupo, as conversas paralelas gerando um pouco de indisciplina, entre outras. No entanto, tais dificuldades aos poucos, foram sendo superadas de forma que se pode dizer que vale a pena continuar desenvolvendo esse material nos próximos anos.

Consideramos satisfatória a participação dos alunos, pois estes compreenderam o princípio geral que se buscou trabalhar: os valores culturais de um povo responsável por grande parte da identidade cultural brasileira. Tendo em vista que a escola é um espaço privilegiado onde se encontram todas as raças ou etnias, credos, enfim, é um local de convergência da ampla diversidade que constitui a sociedade, torna-se o local ideal para se trabalhar todo tipo de diversidade.

Tal fato foi também observado e registrado por colegas professores, que foram participantes do Grupo de Trabalho em Rede – GTR, proposto pela SEED, através do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que fizeram uso do material didático, o qual foi aplicado pelos docentes em seus respectivos estabelecimentos.

Esses professores afirmaram que foi produtivo e oportuno aos seus alunos, e que muito contribuiu em relação às atividades e ainda quanto ao tema, a qual proporcionou enriquecimento para as conversas, reflexões e produções na sala de aula.

Diante das observações efetuadas em sala de aula, como também pelo fortalecimento obtido através das análises, comentários e opiniões favoráveis dos professores participantes do GTR, foi possível concluir, portanto, que a ação educativa foi consolidada, que o trabalho realizado foi relevante e correspondeu às expectativas propostas.

Ao concluir este estudo, observou-se que trabalhar essa temática exige do professor uma atitude menos tradicional e mais conectada às novas concepções de ensino e aprendizagem, que conduzem a aulas mais dinâmicas e interativas. Enfim, esse não é um trabalho acabado, espera-se que o mesmo tenha fomentado a participação reflexiva, crítica e criadora de cada professor que atua no exercício do ensino da língua portuguesa.

É fundamental que o educador tenha o desejo de ensinar e inovar, buscar novas possibilidades de estratégias para suas ações pedagógicas. Assim, possibilitar a construção de conhecimentos e não apenas transmissão de conteúdo. É necessário conhecer diferentes práticas pedagógicas, por isso, é preciso que o professor se mantenha informado e atualizado, buscando sempre alternativas metodológicas para dinamizar a sua aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, B.B. **Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, J.P. **Narrar**: fábula/coleção Jacqueline Peixoto Barbosa – São Paulo: FTD, 2001- (Coleção trabalhando com os gêneros de discurso).

BAYARD, Jean-Pierre. **História das Lendas**. Trad. De Jeanne Marullier. Difusão Européia do Livro. São Paulo. 1957. (Coleção “Saber Atual”)

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara: **Tradição, ciência do povo**. Pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena**. São Paulo: Limiar, 2008.

DICIONÁRIO Ilustrado Tupi-guarani. 2012. Disponível em: <http://dicionariotupiguarani.blogspot.com.br/2012/07/a.html>. Acesso em 10 out. 2016.

FONTES, Vitor José de Oliveira. **O Potencial Didático dos Mitos e das Lendas na Educação Histórica**. Porto: 2013. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=487040. Acesso em: junho de 2016.

GUEDES, Hardy. **Curiaçu e a Gralha Azul** – A lenda das Araucárias. Curitiba: HGF, 1997. (Coleção Lendas Paranaenses).

_____. Itacueretaba – **A lenda de Vila Velha**. Curitiba: HGF, 1997. (Coleção Lendas Paranaenses).

_____. **Naipi e Tarobá** – A Lenda das Cataratas do Iguaçu. Curitiba: HGF, 1997. (Coleção Lendas Paranaenses).

_____. **Nhanderu** – A Lenda do Sol e da Lua. Curitiba: HGF, 1997. (Coleção Lendas Paranaenses).

_____. **Xakxó** – A Lenda do Fogo. Curitiba: HGF, 1997. (Coleção Lendas Paranaenses).

MARANHÃO, Fernanda. **Povos indígenas do Paraná**. Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>. Acesso em nov. 2016.

PARANÁ, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO –SEED. Diretrizes Curriculares da rede pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Língua Portuguesa. Curitiba, 2008.

RODRIGUES, Julie Francisco. **Lendas Paranaenses**: Estudo do Gênero Encantado. 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_port_artigo_julie_francisco_rodrigues.pdf . Acesso em: junho de 2016.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens de leitura**. Brasília, 1996. Cadernos da TV Escola.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e Alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre, 2001.

SOARES, Mércia Eliete. **A fábula como instrumento motivador de ensino/aprendizagem da leitura**. Jacarezinho, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_port_artigo_mercia_eliete_soares.pdf. Acesso em: junho, 2016.